ANÁLISES QUE O *CÍRCULO DE BAKHTIN* (NÃO) FEZ: OS CONCEITOS DE *PALAVRA COMO SIGNO IDEOLÓGICO* E *SITUAÇÃO* EM ENUNCIADOS CONTEMPORÂNEOS

Taiane Andrade (UFBA)[1]

Resumo: Esse artigo pretende analisar os conceitos de *palavra como signo ideológico* e *situação* do enunciado concreto, trabalhados por Valentin Volóchinov em alguns ensaios que fazem parte da coletânea *A palavra na vida e a palavra na poesia*, traduzida por Sheila Grillo e Ekaterina Américo Vólkova, lançada pela Editora 34 em 2019. Tais análises serão feitas utilizando enunciados concretos contemporâneos nos quais foi possível flagrar os conceitos selecionados. Trata-se de trabalho resultante de pesquisa vinculada ao projeto de pesquisa *Análises que Bakhtin e Volóchinov (não) fizeram*: diálogos com a recepção contemporânea, realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) sob orientação da professora Dra. Adriana Pucci Penteado de Faria e Silva, na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Dos resultados alcançados, selecionamos o conceito de *palavra como signo ideológico*, cujos fenômenos foram explicados através do logotipo do uísque *Johnnie Walker*, e o conceito de *situação*, exemplificado através de uma cena entre os personagens Roque e Boca no filme *Ó paí, ó* (2007). Ambos os exemplos foram acompanhados de outro enunciado concreto com o qual estabelece relações dialógicas para enriquecer as explicações sobre os conceitos.

Palavras-chave: Enunciado concreto. Conceitos. Análise Dialógica do Discurso. Volóchinov. Círculo de Bakhtin.

Abstract: This article intends to analyze the concepts of *situation* of concrete utterance and *word as ideologic sign*, worked by Valentin Volóchinov at some assay that makes part of the collection *The word in life and word in poetry*, translated by Sheila Grilo e Ekaterina Américo Vólkova, published by Publisher 34 in 2019. This analysis will be make using concretes utterances contemporary which were able to catch the chosen concepts. This work results from research linked to the project *Analysis that Bakhtin and Volóchinov (didn't) make*: dialogues with the contemporary reception, under orientation of the professor Dra. Adriana Pucci, carried out within the scope of the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships (PIBIC) at the University Federal da Bahia (UFBA). From the achieved results, we selected the concept of *word as ideologic sign*, which phenomena were explained through scotch whisky *Johnnie Walker's* logotype, and the concept of *situation*, exemplified from a scene between the characters Roque and Boca on the movie *Ó paí, ó* (2007). Both examples were accompanied by another concrete utterance with which they establish dialogic relations to enrich the explanations about the concepts, that have proven productive due to their timelessness.

Keywords: Concrete utterance. Concepts. Dialogic Discourse Analysis. Voloshinov. Bakhtin's Circle.

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura e discente do curso de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que financiou a pesquisa, tai.andrades@gmail.com

1 Introdução

Valentin Volóchinov é um dos principais nomes que, junto com Pavel Medviédev, compõe o chamado *Círculo de Bakhtin*, grupo de pensadores que acompanhou Mikhail Bakhtin em diversos momentos de sua vida. Volóchinov viveu por apenas 41 anos, mas durante o período em atividade, produziu diversos trabalhos, sendo a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* sua produção mais conhecida. Outros trabalhos foram reunidos duas em coletâneas publicadas no Brasil.[2]

A primeira, intitulada *A construção do enunciado e outros ensaios* (Volóchinov, 2013), traduzida de forma indireta por João Wanderley Geral de edições em italiano, espanhol e inglês, e a segunda, com o título *A palavra na vida e a palavra na poesia.* Ensaios, artigos, resenhas e poemas (Volóchinov, 2019), com tradução feita diretamente do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Américo.[3]

A partir da tradução direta da produção de Volóchinov, o plano de trabalho *Análises que Volóchinov (não) fez*: diálogos com corpora da contemporaneidade teve como um dos objetivos a construção de um acervo contemporâneo de exemplos nos quais seria possível flagrar alguns conceitos trabalhados pelo autor nos seguintes textos:

1. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica (1926);
2. As mais novas correntes do pensamento linguístico no Ocidente (1928);
3. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística (1930)
4. Estilística do discurso literário I: o que é a linguagem/língua? (1930);
5. Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado (1930);
6. Estilística do discurso literário III: a palavra e sua função social (1930)

Os exemplos foram extraídos de textos que circularam nas esferas literária, jornalística, artística ou midiática em geral, conforme previsto no plano de trabalho. Dos resultados da pesquisa, selecionamos os conceitos de *situação* do enunciado e de *palavra como signo ideológico*, analisados, respectivamente, a partir dos enunciados concretos que compõem uma cena extraída do filme *Ó paí, ó* (2007) e a logomarca *Johnnie Walker*, incluídos como parte do acervo de exemplos contemporâneos.

[2] O contexto histórico e uma pequena biografia destes autores podem ser vistos no capítulo *Bakhtin*, da professora Dra. Adriana Pucci, no livro *Estudos dos Discurso*: perspectivas teóricas, organizado por Luciano Amaral, publicado pela Parábola Editorial em 2013.

[3] A recepção das produções de Volóchinov no Brasil é descrita no artigo **A construção da enunciação ou a construção do enunciado?** Diálogos entre duas traduções de um ensaio de Volóchinov, publicado na Revista Alpha https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistaalpha/article/view/5181/3096

Antes de começar a falar sobre os conceitos selecionados para este trabalho, convém indicar algumas premissas que orientam os estudos do Círculo de Bakhtin.

2 Noções preliminares: o enunciado concreto

Os estudos da linguagem no período escolar costumam abordar seus fenômenos de maneira abstrata, desconectados das diversas situações reais de comunicação em que são empregados. No âmbito acadêmico, essa linha de raciocínio se mantém com as teorias estruturalistas, que colocam a língua como um sistema de formas abstratas – de signos. Ao falar sobre os caracteres da língua, Saussure (2012, p. 46) afirma:

> [...]
> 3º - Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos em que, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e em que as duas partes do signo são igualmente psíquicas.
> 4º - [...] Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro (grifo nosso).

Entendemos que, para Saussure, as palavras seriam depositadas na mente de uma pessoa ao nascer ou haveria um componente genético/hereditário no sentido atribuído a elas. O caráter social que ele atribui à língua decorre apenas do seu uso por uma coletividade, de modo que todos esses indivíduos nasceriam sabendo empregá-la e os significados das palavras estivessem catalogados na mente do ser humano. Essa ideia é evidente no seguinte trecho:

> Entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos (Saussure, 2012, p. 44).

É como se um bebê soubesse que a sensação física que precede o momento em que ele se alimenta se chama *fome* ou o significado do verbo *comer* antes que essa palavra fosse pronunciada pela primeira vez. Saussure coloca o sistema da língua como fonte autônoma de produção dos sentidos, sobre a qual o falante não exerce qualquer influência. Além do conceito, que corresponde ao significado, Saussure atribui ao signo linguístico outra face: o significante, que se refere à imagem acústica, à sequência de sons que suscita um conceito.

Disso decorre a arbitrariedade do signo, que consiste na inexistência de justificativa lógica para atribuir a uma dada sequência sonora a uma ideia. Todavia, essa aparente liberdade

para associar uma imagem acústica a um conceito não ocorreria em relação à coletividade, pois esse signo – imbuído de significante e significado – é imposto aos falantes da língua.

Como a língua é um conjunto de signos regido por normas, trata-se de um sistema que é imutável. Contudo, tal conclusão não se coaduna a realidade da língua/linguagem, pois sua função é viabilizar a comunicação humana – o diálogo - na sociedade. No ensaio *Estilística do discurso literário I*: O que é a linguagem/língua?, Volóchinov (2019d) descreve o provável processo de surgimento e desenvolvimento da língua.

Em resumo, o autor aponta que, antes da formação das palavras, a comunicação acontecia por meio dos gestos e de expressão facial. Contudo, condições especiais da vida laboral favoreceram o desenvolvimento dos órgãos da fala e os complexos de sons que eram produzidos se tornaram palavras, de forma que, quando um determinado significado foi associado a um dado som, isso aconteceu no contexto de uma interação social, na qual ambos os interlocutores sabiam o seu valor.

O fenômeno da interação discursiva está na base do conceito de *enunciado concreto*, um dos pilares que sustentam a teoria desenvolvida pelo *Círculo de Bakhtin*, que entende não ser possível dissociar o uso da linguagem da vida humana em suas diversas atividades. Sucede, portanto, que o enunciado não pode ser analisado de forma abstrata, isolando-se seus elementos, pois sua expressão, "em maior ou menor grau, *responde*, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado" (Bakhtin, 2016, p. 58).

Essa expressão social e essa relação entre enunciados dizem respeito ao *dialogismo*. O diálogo a que alude o termo deve ser entendido de forma ampla, e não apenas aquele que acontece face a face. Isso implica que todo enunciado – inclusive o monológico na forma - possui um interlocutor real ou potencial.

Outra face do dialogismo consiste no fato de um enunciado concreto ser resposta a um enunciado que o precedeu e esperar uma ativa posição responsiva do interlocutor – uma resposta: "Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais" (Volóchinov, 2021, p. 184).

Convencionamos dizer que a primeira dimensão do dialogismo corresponde à história e a segunda diz respeito à cadeia discursiva - ambas caracterizam o enunciado concreto como unidade real da comunicação social. Todos os elementos que integram a comunicação discursiva fazem parte do enunciado concreto. Neste sentido, Medviédev (2012, p. 183) afirma:

> Qualquer enunciado concreto é um ato social. Por ser também um conjunto material peculiar - sonoro, pronunciado, visual -, o enunciado ao mesmo tempo é uma parte da realidade social. Ele organiza a comunicação que é voltada para uma reação de resposta, ele mesmo reage a algo; ele é inseparável do acontecimento da comunicação.

Assim, de forma sucinta, podemos dizer o enunciado concreto é um todo formado por duas partes: uma parte verbal e outra extraverbal, ou seja, é formado por elementos linguísticos e extralinguísticos. O conceito de *situação* se refere à parte extraverbal do enunciado. Mas antes de falar dele, falaremos da *palavra como signo ideológico*.

3 Palavra como signo ideológico

Desde o momento em que nasce, o ser humano está em contato com outros seres humanos, com os quais aprende e desenvolve as linguagens que utiliza para se comunicar. Nos primeiros anos, a criança aprende a utilizar as palavras e outros signos, cujos **sentidos são assimilados na interação social** e são utilizados por toda a sua vida em todos os campos da comunicação social. Para explicar a palavra como signo ideológico, Volóchinov recorre às significações mais estáveis das palavras, como aquelas indicadas pelos dicionários.

No ensaio *Estilística do discurso literário III*: A palavra e sua função social (Volóchinov, 2019f), o autor aponta que estamos cercados de objetos, fenômenos e produtos que existem e apenas são o que são, não apontam nada que lhe seja exterior – não apresentam significação ideológica, isto é, não são signos: porta, caneta, pedra, chuva etc.

Convém tomar cuidado para não confundir o objeto - produto ou fenômeno da realidade - com o signo, que é a materialidade por meio do qual ele é representado – palavra, desenho, gesto etc. Se um objeto não significar outra coisa a não ser ele mesmo, não há signo, não há ideologia. O signo carrega uma ideia, é uma representação de algo, por isso é ideológico.

Ao introduzir a explicação sobre o que é a palavra, Volóchinov (2019f, p. 310) aponta que qualquer coisa que faz parte da realidade pode se tornar um produto ideológico, basta apontar para uma ideia que seja diferente de si mesmo. Assim, caso uma pedra seja pintada e colocada no limite de duas propriedades, ela deixa de ser apenas um objeto e aponta para algo além dela, ela se torna o signo da fronteira entre as propriedades. Desse modo, qualquer elemento da realidade material pode se transformar em elemento da realidade ideológica, isto é, tornar-se signo e transcender as fronteiras de sua existência para apontar algo fora de si mesmo.

A palavra, por sua vez, é um fenômeno ideológico em sua essência, pois não foi objeto ou ferramenta em algum momento, ela é signo linguístico desde sempre - não há palavra que não

tenha significado. Qualquer que seja o signo, seu caráter ideológico consiste no fato de estar contido em uma materialidade social, criada pelo homem. **Um signo só pode surgir entre indivíduos que sejam "socialmente organizados, ou seja, componham uma coletividade"** (Volóchinov, 2021, p. 97).

A palavra nasceu com a finalidade de ser signo ideológico, ela nunca foi apenas uma sequência de sons sem carga representativa de algo além dela. A palavra é um fenômeno ideológico e "por ser um produto da história humana, não só reflete, mas também inevitavelmente *refrata* todos os fenômenos da vida social" (Volóchinov, 2019f, p. 314)

É importante ressaltar que, para o *Círculo de Bakhtin*, a compreensão do interlocutor integra o enunciado e possui estrutura ideológica e social. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, ao tratar da inter-relação entre linguagem e consciência, Volóchinov mostra que a consciência depende do fluxo de palavras que ocorre em nossa mente – do discurso interior. Em outras palavras, a consciência – a compreensão – dos fenômenos decorre do discurso interior, o qual está repleto de signos que são assimilados na interação social:

> A consciência se forma e se realiza no material sígnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada. A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. [...] A consciência apenas pode alojar-se em uma imagem, palavra, gesto significante etc. (Volóchinov, 2021, p. 97-98).

Assim, a palavra como signo ideológico é um reflexo da realidade, pois a representa em um enunciado - o qual está diretamente relacionado à *situação* em que foi produzido. Contudo, a sociedade se divide em grupos sociais que coexistem ao longo do tempo, por isso uma mesma palavra é acessada por diversos falantes, os quais pertencem a uma dada classe, exercem uma profissão, apresentam algum nível de desenvolvimento cultural e a empregam em situações distintas.

Como existem diversos falantes e diferentes grupos sociais na sociedade, a palavra refletirá a realidade a partir do ponto de vista (do valor) atribuído pelo falante a ela. Nós não concebemos a palavra separada da realidade que ela representa, por isso **uma mesma palavra pode apresentar diferentes sentidos de acordo com o falante que a emprega em uma determinada *situação***.

Ainda de acordo com Volóchinov, somente a partir de uma significação interindividual o signo pode apresentar uma forma sígnica, fazer parte do mundo da ideologia e se estabelecer. Essa é a razão pela qual as ênfases ideológicas são ênfases sociais, as quais se expressam no

enunciado do falante e contam com a assimilação do ouvinte ou auditório, isto é, **espera-se que o interlocutor tenha ciência da valoração atribuída ao signo no enunciado produzido pelo falante**.

O autor afirma que o signo reflete e refrata a existência, sendo que a refração decorre do uso da palavra no "cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sígnica, isto é, da *luta de classes*" (Volóchinov, 2021, p. 112). Podemos concluir que **o conteúdo da palavra diz respeito à realidade que ela reflete e a ênfase valorativa corresponde à refração**, à perspectiva de um dado grupo social em uma dada época da história em relação à realidade refletida na palavra do falante.

Ao dizer que um signo reflete algo que está fora dele, Volóchinov traz implícita a noção de espelho, da representação material de um objeto, evento, fenômeno, de algo presente na realidade histórica. Ao dizer que um signo também refrata, ele indica que o signo é empregado com um valor determinado e cabível apenas na interação verbal em que foi empregado, ou seja, o sentido muda de acordo com a situação em que é usado.

Mostraremos a palavra como signo ideológico, seu reflexo e refração utilizando a verbo-visualidade do logotipo da marca de uísque escocês *Johnnie Walker*®[4], conhecida mundialmente pelo *Striding Man*[5]:

Imagem 1 – Logotipo da marca *Johnnie Walker*



Foto: Diageo Bar Academy[6]

Nos elementos extraverbais, vemos um homem que usa bengala e toca na cartola em gesto de aceno - o que sugere cortesia, educação. Nota-se, ainda, que uma perna está atrás da outra, sugerindo um passo à frente do outro. Além disso, a cauda do casaco não está grudada ao corpo, mas em aparente movimento, como se flutuasse – e indica que o cavalheiro está andando. Essa é a realidade **refletida** nos elementos visuais do logotipo.

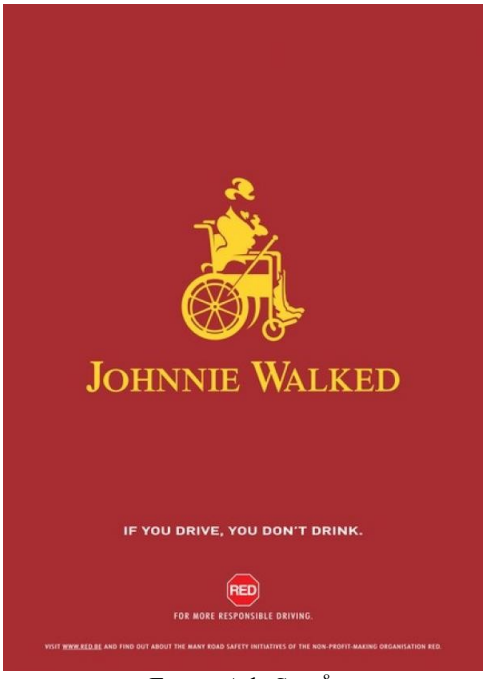
[4] A história pode ser vista em: https://www.johnniewalker.com/pt-br/whisky-guide/the-johnnie-walker-story
[5] Tradução: Homem caminhando/que caminha
[6] https://www.diageobaracademy.com/pt-br/home/nossas-marcas/johnnie-walker

Na parte verbal, o nome *Johnnie Walker* pode ou não estar acompanhado do slogan *Keep walking*® - em português, *Continue andando*. Embora o primeiro termo do nome (*Johnnie*) da marca seja um prenome, o segundo termo pode ser tanto um sobrenome quanto um adjetivo que faz menção à ação do homem de cartola: *Walker* - em português, *Andante, Caminhante*.

Nos elementos extraverbais, a vestimenta dândi e a cartola remetem à moda da década de 1820 e o uso da bengala permite inferir que se trata de um cavalheiro de origem nobre, pois o acessório era símbolo de prestígio, poder (Nacif, 2011). O conjunto dos elementos verbais e extraverbais confirmam a ideia de que o homem está caminhando, o que está relacionado à ideia de progresso, de seguir em frente[7].

Todos esses aspectos **refratam** o fenômeno da vida social em que essa marca de uísque é consumida por seu público-alvo: homens de classes sociais privilegiadas. Para dialogar com *Johnnie Walker*® e mostrar os fenômenos do reflexo e da refração da palavra e do signo ideológico, trouxemos o enunciado concreto da campanha da RED, uma organização sem fins lucrativos, lançada em 2004 na Bélgica:

Imagem 2 – Campanha RED



Fonte: Ads Spot[8]

[7] https://www.johnniewalker.com/pt-br/keep-walking/keep-walking-stories/
[8] Disponível em: https://adsspot.me/media/prints/red-johnnie-walked-817c259d4491

A campanha utilizou elementos da marca *Johnnie Walker*® (a vestimenta, a cartola e a bengala e o nome *Johnnie Walk*...) para remeter à marca de uísque e **refletir** o consumo de bebida alcóolica. Mas diferentemente daquele logotipo, o homem não anda, mas está sentado em uma cadeira de rodas. O segundo termo do nome não é o adjetivo *Walker* (*Andante, Caminhante*), mas o verbo *Walked* (*Andava*)[9]. Há, ainda, o slogan *If you drive, you don't drink* (em português: *Se dirigir, não beba*).

Todos esses elementos refletem e refratam a realidade que envolve o perigo da mistura de álcool e direção. Há outros elementos no enunciado, quais sejam: as letras *RED* dentro de uma forma que alude à placa de trânsito, com o slogan *For more responsible driving* (cuja tradução é *Por mais direção responsável*) e uma mensagem: *Visit www.red.be and find out about the many road safety initiatives of the non-profit-making organatisation RED* (em tradução livre*: Visite www.red.be e saiba mais sobre as diversas iniciativas da organização sem fins lucrativos RED*).

Todos esses signos permitem concluir que Johnnie **Andante/que anda** bebeu, dirigiu e se envolveu em um acidente que o deixou incapaz de andar, ou seja, ele **Andava**, por isso o signo ideológico analisado refletiu e refratou a realidade.

4 A *situação* do enunciado

Vimos acima que a indissociabilidade entre linguagem e vida não permite que o sentido da parte verbal do enunciado se defina apenas por seus elementos linguísticos, pois a plurissignificação é um traço constitutivo da palavra (Volóchinov, 2021, p. 230). Seu conteúdo depende de elementos que integram a parte extraverbal do enunciado:

> [...] Quase toda palavra da nossa língua pode ter várias significações a depender do *sentido geral* do todo do enunciado. O sentido depende por inteiro tanto do ambiente mais próximo, gerador imediato do enunciado [a interação verbal], quanto de todas as causas e condições sociais mais longínquas da comunicação discursiva (Volóchinov, 2019e, p. 283).

A *situação* corresponde a três elementos subentendidos da parte extraverbal do enunciado e é responsável por atribuir o sentido da parte verbal: a) o tempo e o lugar da comunicação discursiva que gerou o enunciado; b) o objeto ou *tema*; e c) a avaliação – ou valoração (Volóchinov, 2019e, p. 285).

[9] A ideia fica mais clara se traduzirmos *Walker* e *Walked* como orações subordinadas adjetivas restritivas: Johnnie *Walker* (que anda) x Johnnie *Walked* (que andava)

Os conceitos de *tempo* e *lugar* dispensam explicações pela obviedade, mas convém esclarecer que esses elementos podem ser identificados de modo genérico apenas para delimitar o espaço geográfico e indicar uma referência temporal – mesmo que se trate de um enunciado extraído da ficção. O propósito é apontar o momento da história em que o enunciado foi produzido.

O *tema*[10] diz respeito à realidade que se tornou objeto do signo (Volóchinov, 2021, p. 111), isto é, sobre o que se fala.

A avaliação/valoração é o elemento subentendido que diz respeito a um valor – axiológico, semântico, jurídico, etc. – associado à parte verbal quando ela é pronunciada ou escrita. Segundo Medviédev (2012, p. 184), a avaliação social é a "atualidade histórica que reúne a presença singular de um enunciado com a abrangência e a plenitude do seu sentido, que individualiza e concretiza o sentido e compreende a presença sonora da palavra aqui e agora."

Bakhtin complementa a ideia, afirmando que a avaliação não se refere apenas ao conteúdo da palavra, mas ao acontecimento – à *situação* - do enunciado como evento concreto do qual os interlocutores participam:

> Um tom emotivo-volitivo, uma valoração real, não se referem ao conteúdo enquanto tal, tomado isoladamente, mas na sua correlação comigo no evento singular do existir que nos engloba. Não é no contexto da cultura que uma afirmação emotivo-volitiva adquire o seu tom; toda a cultura na sua totalidade vem integrada no contexto unitário e singular da vida do qual eu participo (Bakhtin, 2010, p. 86).

Convém ressaltar que a *avaliação/valoração* da situação é um aspecto *comum* do enunciado no sentido de que ambos os interlocutores o conhecem, têm ciência dele, ou seja, aquela avaliação subentendida no enunciado **é conhecida pelos interlocutores**.

O conceito de *valoração* está diretamente ligado ao de entonação, que corresponde à sua expressão material; a entonação veicula a valoração atribuída à parte verbal, por isso "*qualquer entonação é expressiva*, isto é, é uma avaliação social encarnada em um material sonoro" (Volóchinov, 2019c, p. 228).

A avaliação é um elemento imprescindível à apreensão do sentido da palavra num enunciado concreto. Diante de inúmeras possibilidades semânticas e metafóricas de emprego dos signos linguísticos no tempo e no espaço, a valoração – através da entonação – é responsável por atribuir à palavra um sentido determinado no enunciado concreto, singularizando-o.

[10] Ao falar do *tema*, o autor alude ao capítulo *Tema e significação na língua*, da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem (2021)*.

A *situação* será analisada a partir de uma cena extraída do longa metragem *Ó paí, ó* (2007), na cena protagonizada por Roque (Lázaro Ramos) e Boca (Wagner Moura), que repete a parte verbal "você é negro" diversas vezes[11].

Abstratamente considerado, isto é, ignorando a interação discursiva dos personagens, o sentido deste enunciado não pode ser definido, embora saibamos que é uma afirmação e possamos descrever sua estrutura sintática (formada por sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito). Para fazê-lo, é necessário analisar a parte extraverbal, a começar pela *situação*: o enunciado se passa em Salvador, capital da Bahia, no ano de 2007 – informações que correspondem ao espaço e ao tempo do enunciado, o *onde* e o *quando*.

Roque e Boca fizeram um acordo: Roque pintaria alguns carrinhos, pelos quais Boca pagaria o valor combinado entre eles. Roque cumpre sua parte e pinta os carrinhos no prazo; contudo, no momento de recebê-los, Boca alega que precisou pagar suborno a policiais para não ter seu carro apreendido, por isso não poderia pagar o valor total combinado e pede a Roque que aceite receber metade do pagamento em momento posterior. Abaixo, trazemos uma transcrição livre do trecho do diálogo que interessa às nossas reflexões:

> [...]
> R – Não tem negócio, Boca, trato é trato. Os carrinhos só vão sair daqui mediante o pagamento. Isso já tava claro entre a gente...
> B – Você não tá vendo que, de repente, que a culpa não é nem minha?
> R – Minha também não é. Ou é o dinheiro todo, todinho, meu irmão, ou nada!
> B – Eu vou dizer o que pras mãe desses menino? Pode entrar, ô menino. Eu vou dizer o que pras mãe dos menino do projeto social, velho, que tão precisando trabalhar com esses carrinho hoje. Você não tem coração, não, é, velho?
> R – E venha cá, pai... e cão, tem coração?
> B – Irmão, eu tô lhe pedino! Certo?
> R – Sim, mas veja só, eu vou te ajudar, por quê, meu irmão? Você vem aqui me esculhamba, agora você quer que eu te ajude? Por que é que eu ia fazer isso hein? Eu queria ver se um desses menino que você explora feito escravo aí, não te desse o dinheiro que você combina com eles, o que é que você ia fazer?
> B – Você tá dizendo isso velho porque você é negro, certo, velho? Porque você nunca teve oportunidade, certo, velho? Agora você quer ganhar o seu dinheiro dessa forma, brother?
> R – Eu já suportei demais o seu escárnio. Suportar é a lei da minha raça, tá ligado? Agora é assim, eu quero o dinheiro todo. Eu quero ver quem vai tirar esses carrinho daqui.
> **B – Você é escroto rapaz!**
> **R – Eu só tô seguindo o seu exemplo...**

[11] A cena se inicia aos 01:02:06 do filme, que pode ser visto em https://www.youtube.com/watch?v=i7DA5c4umKA

> B – **Exemplo o que rapaz? Você é negro.** Você é negro, certo? Você é negro. Você é negro. Você é negro. Você é negro. Você é negro. Você é negro. Você é negro. Você é negro, certo? (grifo nosso)

De um lado está Roque, pintor e aspirante a cantor. Do outro, está Boca, traficante. Ambos fizeram um acordo e aceitaram seus termos, em condição de igualdade - não há relação de hierarquia entre eles. Roque exige apenas que Boca cumpra as condições que foram definidas no contrato verbal que eles fizeram (*Não tem negócio, Boca,* ***trato é trato****. Os carrinhos só vão sair daqui mediante o pagamento.* ***Isso já tava claro entre a gente****...*).

Boca insiste em pagar apenas metade do valor combinado naquele momento, por isso apela para a compaixão pelas *mães dos meninos do projeto social*, os quais vão trabalhar com os carrinhos e auferir alguma renda. Então, Roque menciona que, na verdade, Boca explora os meninos, e questiona o que ele faria se eles não pagassem o valor que foi combinado.

Sem argumentos, Boca sugere que, por ser negro e não ter tido oportunidades, a exigência de Roque seria uma maneira de ganhar dinheiro facilmente, o que seria reprovável. Roque não cede e reitera que só entregará os carrinhos se o valor combinado for integralmente pago por Boca, que o chama de *escroto* por isso.

Roque responde que só está agindo da mesma forma que Boca age (*Eu só tô seguindo o seu exemplo...*). Ao dizer isso, Roque estabelece uma relação de igualdade entre eles. Eis o **tema** ou objeto deste enunciado. Contudo, Roque é preto, e Boca é branco. No tempo-espaço desse enunciado, há um horizonte valorativo que remonta a séculos anteriores.

O tráfico de africanos escravizados teve início em 1538 e o regime de escravidão se encerrou – formalmente – em 1888. Ao longo de 350 anos, uma parcela da população foi subjugada por uma elite com base na cor da pele. Ao tratar sobre a organização social na obra *Formação do Brasil Contemporâneo*, Caio Prado afirma que a sociedade brasileira do século XIX é caracterizada antes de mais nada e acima de tudo, pela escravidão, em que a cor era critério de rebaixamento das classes dominadas:

> [...] As ordens religiosas, solícitas em defender o índio, foram as primeiras a aceitar, a promover mesmo a escravidão africana, a fim de que os colonos, necessitados de escravos, lhes deixassem livres os movimentos no setor indígena. O negro não teve no Brasil a proteção de ninguém. Verdadeira "pária" social, nenhum gesto se esboçou em seu favor (Prado Jr., 2011, p. 292-293).

Juridicamente, os africanos escravizados sequer eram considerados sujeitos de direitos. Na Consolidação das Leis Civis de 1858, o art. 42, que classifica as espécies de bens em

móveis, imóveis e ações exigíveis, está inserido no *TÍTULO II – DAS COUSAS* e contém a seguinte nota explicativa[12]:

> Na classe dos bens moveis entrão os semoventes, e **na classe dos semoventes entrão os escravos**.
> Posto que os escravos, como **artigos de propriedade**, devão ser considerados cousas; não se-equiparão em tudo aos outros semoventes, e muito menos aos objectos inanimados, e porisso tem legislação peculiar. [...] (Freitas, 2003, p. 35, grifo nosso).

No art. 48, indicam-se os bens que são considerados partes integrantes de fábricas de mineração, de açúcar e da lavoura de cana[13]. O dispositivo contém uma nota explicativa com o seguinte teor:

> [...]
> Reputão-se **partes integrantes das propriedades agricolas**, para o effeito de poderem ser objecto de hypotheca (Art. 2° §1° da novissima Lei hypothecaria) **os escravos e animais pertencentes ás ditas propriedades**, que foram especificados no contracto, sendo hypothecados com ellas. [...] (Freitas, 2003, p. 50, grifo nosso).

Desde que o tráfico negreiro teve o Brasil como destino, os africanos cativos, submetidos a trabalhos forçados na colônia portuguesa, eram designados pelo substantivo *escravos*. De acordo com o Priberam[14], o termo *escravo* significa "1. Indivíduo que foi destituído da sua liberdade e que vive em absoluta sujeição a alguém que o trata como um bem explorável e negociável".

De modo semelhante, o Michaelis[15] indica como acepção do termo "1 Que ou aquele que vive privado da liberdade, em absoluta sujeição a um senhor ao qual pertence como propriedade". De acordo com a definição da gramática normativa, o substantivo:

> É a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, **substâncias** (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros **objetos mentalmente apreendidos como substâncias**, quais sejam qualidades (*bondade, maldade, rapidez*), estados (*saúde, doença*), processos

[12] Optamos por manter a grafia da época por ausência de prejuízo à interpretação dos dispositivos transcritos.
[13] Art. 48. São consideradas partes integrantes das Fabricas de mineração, e de assucar, e lavoura de cannas, para se não desmembrarem nas execuções (7), as machinas, bôis, cavallos, e todos os moveis effectiva e immediatamente empregados na laboração das mesmas Fabricas, e lavouras (8).
[14] ESCRAVO. *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/escravo. Acesso em: 29 abr. 2024.
[15] ESCRAVO. *In*: Michaelis online. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Ed. Melhoramentos, 2024. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/escravo/. Acesso em: 29 abr. 2024.

(*chegada, entrega, aceitação*). (Bechara, 2019, p. 125, grifos do autor, grifos nossos).

Por substância, entende-se aquilo que é essencial e constitui ou caracteriza o ser ou objeto (material ou imaterial) designado pelo substantivo, por exemplo, *pessoa* designa qualquer ser que pertence à espécie humana. Ocorre que os negros não nasceram escravos, eles passaram por um processo de escravização provocado por um grupo que se considerava superior por causa da cor da pele.

O emprego do termo – *escravo* – como substantivo, que caracteriza o ser, é um aspecto da naturalização da ideia de que essas pessoas são propriedades, e não seres humanos, ideia que foi transmitida de geração em geração. Particularmente no século XIX, em razão do movimento abolicionista, diversos argumentos, inclusive pseudocientíficos, foram disseminados e contribuíram para consolidar a concepção de que o negro seria inferior, por isso a escravidão era aceitável e deveria ser mantida:

> Alguns alegavam a falta de civilização no continente africano: a África, na mente oitocentista, sendo vista como o lugar por excelência de canibalismo, selvageria, idolatria e licenciosidade. A par disso, havia os argumentos biológicos: as diferenças (reais ou imaginárias) anatômicas e fisiológicas explicariam a inferioridade intelectual do negro. Assim, sua "natureza infantil" o tornava inadequado para as responsabilidades da liberdade. (Gomes, 1988, p. 11).

Eis a avaliação social contida o horizonte extraverbal que integra o enunciado de Boca. Volóchinov (2019a, p. 121) explica que esse horizonte pode ser estreito, ou seja, limitado ao tempo e ao espaço imediatos ao enunciado, ou pode se ampliar a ponto de se referir ao "subentendido" de uma família ou uma nação, de um dia ou de épocas inteiras, como no caso de *Ó paí, ó*.

O autor acrescenta que há avaliações que dispensam formas de expressão específicas, na medida em que são indissociáveis de um determinado grupo, por isso possuem importância especial:

> Acontece que todas as avaliações sociais fundamentais geradas diretamente pela existência econômica do grupo em questão não costumam ser enunciadas, pois entraram na carne e no sangue de todos os representantes desse grupo; elas organizam os atos e as ações, é como se elas se unissem aos objetos e fenômenos que lhes correspondem [...]. Parece-nos que percebemos o valor do objeto junto com a sua existência, como uma de suas qualidades [...] (Volóchinov, 2019a, p. 122).

A entonação é social por excelência e seu tom se apoia justamente no "caráter compartilhado e subentendido das avaliações." (Volóchinov, 2019a, p. 124). Nesse sentido, o autor esclarece que a entonação não diz respeito apenas a um aspecto pessoal do falante, emocional ou passivo, mas está associada ao meio social, por isso "Ao entonar e gesticular o homem ocupa uma posição social ativa em relação a determinados valores, condicionada pelos próprios fundamentos da existência social" (Volóchinov, 2019a, p. 127).

Assim, o discurso falacioso que sustenta a inferioridade do negro e condicionou a existência social dos homens brancos é conhecida por Roque e por Boca, que pronuncia a parte verbal com entonação de arrogância. Identificados todos os elementos da parte verbal e da parte extraverbal, podemos dizer que o sentido do enunciado é: *Você é inferior a mim, portanto não podemos ser iguais, você não pode agir como eu*.

Assim, o tom da palavra – que veicula a avaliação social – é o que determina seu sentido, de modo que sua significação pode ser oposta ao seu conteúdo. Na cena de *Ó paí, ó*, Boca pretende pagar apenas a metade do valor que foi combinado com Roque. Ao perceber que seu pedido não seria atendido, ele diz algo óbvio: – *Mermão, eu tô lhe pedino! Certo?*

Ocorre que essa parte verbal é pronunciada com tom de ordem e a valoração também guia a expressão corporal e os gestos do seu falante. A suposta inferioridade do negro pode ser percebida no contexto verbal anterior, pois Boca fala como se Roque fosse obrigado a atender seu pedido. Antes de produzir esse enunciado, o personagem estava com os braços cruzados na frente de seu corpo, com o ombro está projetado para frente (no *frame* 1: - [...] *Você não tem coração, não, é, velho*?)

Ao tratar Roque como se fosse seu subordinado, Boca já indica aderência à falsa ideia de inferioridade revelada no enunciado *você é negro*, por isso essa avaliação social se expressa também na expressão corporal: antes de pronunciar o enunciado *Mermão, eu tô lhe pedino*, ele recua os ombros ao descruzar os braços – *frame* 2 – e projeta o peito para frente para parecer mais forte e intimidar Roque:

Quadro 1 – Sequências de *frames*: expressão corporal de Boca



Fonte: Adaptado do filme *Ó paí, ó* (2007) – Elaboração própria.

A recusa do interlocutor, que deveria se curvar em obediência ao que foi solicitado, faz com que Boca pronuncie uma ordem que também revela uma raiva latente até então, a qual se verifica pela tensão dos músculos do pescoço e no rosto: lábios rijos, rugas na glabela, sobrancelhas arqueadas, olhos abertos, narinas alargadas – *frames* 3 e 4.

Aqui também apresentaremos outro exemplo para estabelecer relações dialógicas com *Ó paí, ó*. Para isso, analisaremos o enunciado *(Eles) São todos negros*, cuja parte verbal apresenta estrutura sintática quase idêntica ao enunciado de Boca, extraído de uma cena do curta metragem *Dúdú e o lápis cor da pele (2018)*[16], cujo tempo-espaço é a cidade de São Paulo em 2018 – o *onde* e o *quando*.

Dudu[17] é um menino negro, aluno de uma escola particular de classe média. Durante uma atividade em sala de aula, ele fica em dúvida da cor que deveria usar para pintar o rosto das pessoas do desenho, então a professora responde que ele deveria usar o lápis *cor da pele* – o que gera uma crise de identidade na criança, pois a cor do lápis é completamente diferente do tom de sua pele.

[16] A cena começa aos 13:10 do curta-metragem, que está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-VGpB_8b77U&t=924s

[17] A grafia do nome sem acento é típica do português brasileiro e constitui um apelido para o nome Eduardo. A grafia com acento agudo ocorre no iorubá, língua na qual o nome Dúdú significa *negro*.

Enquanto sua mãe, a professora e o diretor da escola discutem o episódio, Dudu sai vagando pelas ruas da cidade, comparando a cor do lápis *cor de pele* com a cor da pele das pessoas que cruzam seu caminho. Madalena, uma curadora de arte, vê o garoto com o lápis *cor da pele* erguido, comparando sua cor com a cor da pele das figuras desenhadas nos muros e inicia uma conversa com ele. Durante esta interação, Madalena percebe o dilema e propõe levá-lo de volta à escola, depois de tomarem um sorvete enquanto ela explica o motivo do nome dado à cor do lápis.

Na sorveteria, ela esclarece que uma curadora de arte ajuda os artistas a mostrarem seu trabalho, então mostra uma obra de Adriana Varejão[18]. Eis o trecho do diálogo da cena, em transcrição livre:

> M - [...] Essa aqui, ó, é uma obra da artista para mostrar os vários tons de pele dos brasileiros. Aí ela criou uma caixa de lápis de cor, cheia de lápis cor da pele, só que ao invés de ter uma cor só, igual ao seu, ela criou várias cores.
> D - E qual é a certa?
> M - Nenhuma. Essa foi só uma forma dela mostrar a diversidade das raças e esse seu lápis, ele só deve ter ganhado o nome de cor da pele porque não tinha mais nenhum outro nome pra dar pra ele. [...]
> M - Dudu, você já ouviu falar de Dona Ivone Lara? E Zumbi dos Palmares? Gilberto Gil? Hum... Cartola? Pelé?!
> D - Esse eu sei, esse eu sei, é aquele que joga bola, não é?
> M - É isso mesmo. E todos eles fizeram parte da história e da cultura do nosso país. Sabe o que que eles têm em comum?
> D - O quê?
> M - **São todos negros**, iguais a você.[19] (grifo nosso)

O objeto ou *tema* desse enunciado é a cor de pele das pessoas, a qual pode apresentar diversos tons, por isso não há uma cor certa, isto é, não há uma única cor de pele, como o nome atribuído ao lápis sugere. Ao listar personalidades que fazem parte da cultura e da história do país e destacar que todos são negros, Madalena indica sua avaliação social, qual seja: pessoas negras também são importantes – o que abrange o próprio Dudu. Essa avaliação se expressa através da entonação de apreço, admiração.

Vimos nos enunciados de *Ó paí, ó* e de *Dúdú o lápis cor da pele* que a palavra *negro* apresenta conteúdos distintos, na medida em que atribuem à palavra *negro* um sentido que está de acordo com a classe social do falante, com sua ideologia, isto é, com "todo o conjunto de reflexos e refrações no cérebro humano da atividade social e natural, expressa e fixada pelo

[18] A obra a que a personagem se refere pode ser vista em: http://www.adrianavarejao.net/br/imagens/categoria/10/obras. Acesso em: 4 jul. 2024

[19] Uma análise mais detalhada do filme, como objeto/sujeito de pesquisa, exigiria considerações sobre a interseccionalidade, mas tal proposta excede os limites da atual pesquisa.

homem na palavra, no desenho artístico e técnico ou em alguma outra forma sígnica" (Volóchinov, 2019, p. 243).

Ao colocar em diálogo os trechos selecionados de *Ó paí, ó* e de *Dúdú e o lápis cor da pele*, podemos perceber que o tema das estruturas "Você é negro" e "São todos negros" não está na materialidade verbal do texto, sendo indissociável do enunciado concreto.

5 Conclusão

Os enunciados concretos selecionados ilustram os fenômenos relacionados aos conceitos selecionados, que foram descritos por Volóchinov em textos escritos entre 1925 e 1931, cerca de um século antes da nossa análise, os quais se mostraram produtivos devido à atemporalidade. Sua inserção ao acervo de exemplos contemporâneos visa à elaboração de material didático a ser produzido como objetivo do projeto de pesquisa.

Embora nossa valoração neste artigo seja formada pelos – e é uma resposta aos – enunciados produzidos pelos Círculo de Bakhtin, que incluem uma crítica contundente às teorias estruturalistas, entendemos que se trata apenas de diferentes perspectivas de análise da língua/linguagem, na medida em que "a avaliação social faz a mediação entre língua, como um sistema abstrato de possibilidades, e sua realidade concreta" (Medviédev, 2012, p. 189).

Através da análise dos exemplos contemporâneos à luz da *Análise Dialógica do Discurso*, pretendemos mostrar que o sentido da palavra nas interações verbais – nos enunciados concretos – não é uma mera sequência de sons com significado imutável, mas decorre da relação existente entre a língua/linguagem e a vida, de acordo com a *situação* de comunicação discursiva em que os signos são empregados.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

DÚDÚ e o lápis cor da pele. Direção: Miguel Rodrigues. Brasil. Take a Take Films. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-VGpB_8b77U. Acesso em: 13 fev. 2024.

FREITAS, A. T. de. **Consolidação das leis civis**. Vol. I. Prefácio de Ruy Rosado de Aguiar. Ed. Fac-sim. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/496206. Acesso em: 25 mar. 2024.

GOMES, H. T. **O negro e o romantismo brasileiro**. São Paulo: Atual, 1988.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal dos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

NACIF, M. C. V. **O traje de João do Rio**: um dândi decadente nos trópicos. **Revista Interfaces**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 15, p. 170-181, jul./dez. 2011. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/30107/17018. Acesso em: 23 dez. 2024.

Ó PAÍ, ó. Direção: Monique Gardenberg. Brasil. Europa Filmes. 2007. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i7DA5c4umKA&t=3871s. Acesso em: 29 mar. 2024.

PRADO JR. C. **Formação do Brasil contemporâneo**: colônia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

VOLÓCHINOV, V. N. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a, p. 109-146.

_____. As mais novas correntes do pensamento linguístico no Ocidente. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b, p. 147-182.

_____. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019c, p. 183-233.

_____. Estilística do discurso literário I: O que é linguagem/língua?. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019d, p. 234-265.

_____. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019e, p. 266-305.

_____. Estilística do discurso literário III: A palavra e sua função social. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019f, p. 306-336.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2021.

_____. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.